

**HISTÓRIAS
DE SÃO PAULO**



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor Carlos Gilberto Carlotti Junior
Vice-reitora Maria Arminda do Nascimento Arruda



EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Diretor-presidente Sergio Miceli Pessoa de Barros

COMISSÃO EDITORIAL

Presidente Rubens Ricupero
Vice-presidente Maria Angela Faggin Pereira Leite
Clodoaldo Grotta Ragazzo
Laura Janina Hosiasson
Merari de Fátima Ramires Ferrari
Miguel Soares Palmeira
Rubens Luis Ribeiro Machado Júnior
Suplentes Marta Maria Gerales Teixeira
Primavera Borelli Garcia
Sandra Reimão

Editora-assistente Carla Fernanda Fontana
Chefe Div. Editorial Cristiane Silvestrin

HISTÓRIAS DE SÃO PAULO

CONSTRUÇÕES E
DESCONSTRUÇÕES

1 Período Colonial

Organização

FERNANDA SPOSITO

FERNANDO VICTOR AGUIAR RIBEIRO

JOANA MONTELEONE

WILMA PERES COSTA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Histórias de São Paulo: Construções e Desconstruções: Período Colonial / organização Fernanda Sposito [et al.]. – São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2023. – (Histórias de São Paulo: Construções e Desconstruções; 1)

Vários autores.

Outros organizadores: Fernando Victor Aguiar Ribeiro, Joana Monteleone, Wilma Peres Costa.

Bibliografia.

ISBN 978-65-5785-086-2

1. São Paulo – História 2. São Paulo – História – Período colonial I. Sposito, Fernanda. II. Ribeiro, Fernando Victor Aguiar. III. Monteleone, Joana. IV. Costa, Wilma Peres. v. Série.

22-116695

CDD-981.61

Índices para catálogo sistemático:

1. São Paulo: Cidade: História 981.61

Eliete Marques da Silva – Bibliotecária – CRB-8/9380

Direitos reservados à:

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo
Rua da Praça do Relógio, 109-A, Cidade Universitária
05508-050 – São Paulo – SP – Brasil
Divisão Comercial: Tel. (11) 3091-4008 / 3091-4150
www.edusp.com.br – e-mail: edusp@usp.br

Printed in Brazil 2023

Foi feito o depósito legal

Sumário

	APRESENTAÇÃO
9	A Obra
	PREFÁCIO
13	São Paulo na Transversal do Tempo <i>Fernanda Sposito</i> <i>Fernando Victor Aguiar Ribeiro</i>
	PARTE I
	Sobre uma Vila Colonial
21	“Ninho de Piratas e Valhacouto de Valentões”: Violência e Rebeldia em São Paulo Colonial <i>José Carlos Vilardaga</i>
45	A Consolidação da Capitania de São Vicente no Século XVII: Entre Indígenas e Rebeldias <i>Fernanda Sposito</i>
59	Da Capitania de São Vicente à Vila de São Paulo: Colonos, Jesuítas e as “Aparências dos Outros” (1532-1568) <i>Igor Renato Machado de Lima</i>
75	Novas Vilas e Novas Elites nas Periferias do Império Luso: Mogi das Cruzes (Século XVII) <i>Madalena Marques Dias Grassl</i>
93	Uma História Espelhada: São Paulo e Assunção em Perspectiva Conectada (1640-1680) <i>Fernando Victor Aguiar Ribeiro</i>
	COMENTÁRIOS
107	De Vicentinos a Paulistas: Narrativas e Práticas <i>Raquel Glezer</i>

PARTE II

Dinâmicas e Tensões na Capitania de São Paulo

- 119 Negócios de Comerciantes no Oeste
da Capitania de São Paulo
Maria Aparecida de Menezes Borrego
Anna Beatriz Corrêa Bortoletto
- 135 Do Ouro dos “Paulistas” ao Prata de um Governador:
A Geografia Luso-platina de Dom Luís Antônio
de Sousa Botelho Mourão (1752-1774)
Denise Moura
- 159 Antes do Café, o Açúcar: Uma História
das Estratégias Familiares de Senhores de
Engenho no Oeste Paulista (1765-1855)
Carlos de Almeida Prado Bacellar
- 175 Da Liberdade ao Cativo: A Reescravização nos
Autos Cíveis da Cidade de São Paulo (Século XVIII)
Felipe Garcia de Oliveira
- 191 Almotacaria e Almotacés em São Paulo (1755-1828)
Claudia de Andrade de Rezende

PARTE III

Da Capitania à Província de São Paulo

- 209 Governabilidade e Gestão Fazendária na São
Paulo Colonial: A Ação dos Capitães-gerais na
Criação e Administração da Junta da Fazenda e
dos Contratos das Rendas Reais (1765-1808)
Ana Paula Medici
- 227 São Paulo Restaurada na Era da Revolução Industrial
Pablo Oller Mont Serrath
- 243 Pelos Caminhos do Açúcar: A Expansão da Lavoura
Canavieira pelo Planalto Paulista e Seus Impactos
no Sistema de Comunicações e nos Modos de
Transporte Mercantil em São Paulo (1765-1840)
José Rogério Beier
- 265 Mudanças e Permanências: Propostas Metodológicas
para o Estudo do Imaginário dos “Paulistas”
Amália Cristovão dos Santos

COMENTÁRIOS

- 279 São Paulo e os Paulistas na Transição para o
Século XIX: Debates e Controvérsias
Cecilia Helena de Salles Oliveira

APRESENTAÇÃO

A Obra

Histórias de São Paulo: Construções e Desconstruções, obra em três volumes, é resultado de uma série de diálogos. Cada um dos volumes independentes que compõem o conjunto é fruto de conversas entre alguns dos principais pesquisadores que têm São Paulo como objeto de estudo.

—9

Nesta obra, São Paulo é vista em suas diversas espacialidades e temporalidades: a vila colonial, a capitania, a província, o estado e a metrópole, que abriga mais de 12 milhões de habitantes. Assim, partindo de perspectivas temporais e espaciais diversas, os volumes também expressam uma multiplicidade de temas, objetos e metodologias de análise, de áreas que vão da história ao patrimônio, à arquitetura e ao urbanismo. A proposta foi reunir pesquisadores das principais universidades paulistas e seus estudos mais recentes produzidos sobre a temática, permitindo o diálogo das gerações mais novas e intermediárias com alguns daqueles que marcaram o campo da história de São Paulo nos últimos quarenta anos.

Os capítulos apresentados mantêm o espírito do colóquio que foi sua origem (realizado em outubro de 2018, na Universidade Federal de São Paulo – Unifesp) e esse diálogo intergeracional. Os textos foram selecionados pelos organizadores dos trabalhos apresentados no colóquio. Por um motivo ou outro, nem todos os textos puderam entrar nos três volumes. Aqueles que estão publicados aqui pretendem reproduzir um pouco da dinâmica dos debates e dos cruzamentos de ideias e reflexões que tiveram espaço naquele encontro. Assim, apresentamos também alguns textos que consistem em comentários dos textos publicados. Essa opção visou garantir a riqueza dos diálogos buscados e efetuados. Caso contrário, esta seria mais uma sequência de livros que enfileiraria textos e autores; a fecundidade dos olhares cruzados e em perspectiva teria se perdido.

Retomando 1822-1922

As conexões dos livros deste conjunto com as rememorações da Independência do Brasil e da Semana de Arte Moderna ocorridas em 2022 dão-se de maneira indireta, mas extremamente necessária. Não podemos nos furtar a refletir sobre como essas efemérides atuam/atuaram em São Paulo. Embora os livros não sejam especificamente sobre a Independência ou a Semana de 1922, não seria possível entender São Paulo sem relacioná-la a esses pontos de chegada ou de virada.

Desse modo, não é possível problematizar São Paulo no século XIX sem pensar nas articulações e lutas efetuadas pelos paulistas diante dos movimentos que levaram à Independência do Brasil. Para compreender São Paulo no Oitocentos, é necessário perceber as conexões políticas com a capital do Império. Além disso, o desenvolvimento da economia e a sociedade paulista e paulistana naquele período não estão apartados das questões colocadas pela economia imperial, em uma escala mais ampla. Assim, na apresentação do segundo volume, Wilma Peres Costa analisa as conexões da cidade e da província de São Paulo com os temas que dão inteligibilidade à formação do Estado nacional brasileiro no século XIX.

O primeiro volume aborda São Paulo desde suas origens, no período colonial, até às vésperas da Independência. A apresentação da obra, escrita por Fernanda Sposito e Fernando Victor Aguiar Ribeiro, faz a conexão com o clima da década de 1920, que, além do movimento modernista cujo epicentro foi a capital paulista, teve como grande marco a atuação de Afonso d'Escagnolle Taunay (1876-1958) na construção da mitologia e da historiografia bandeirantes. A atuação de Taunay como diretor do Museu Paulista a partir de 1917 e o início de sua produção sobre o bandeirismo em 1920 são marcos na forma como São Paulo e os paulistas olham para si próprios até os dias de hoje. Desse modo, é impossível estudar o passado colonial paulista sem ter de lidar com imagens cristalizadas desse passado, forjadas, justamente, pelos autores paulistas da década de 1920. Com base nessa lógica, o estudo de São Paulo colonial deve operar, na maior parte das vezes, dentro das tensões entre história e historiografia.

O terceiro volume, cujos capítulos discutem as transformações, disputas e tensões da metrópole do século XX, traz a Semana de Arte Moderna de 1922 como um momento emblemático para pensar esses desafios. Joana Monteleone, na apresentação do volume, analisa a capital paulista diante das novidades colocadas pelo crescimento demográfico astronômico, pela chegada de trabalhadores imigrantes, pelas novas construções e remodelações urbanas e pelos novos hábitos de consumo.

Os marcos de 1822 e 1922 desempenham aqui, portanto, o papel de circunscrever a forma como São Paulo pode ser compreendida no século XIX em relação à Independência e no século XX em relação ao movimento modernista. Ao mesmo tempo, permitem que os capítulos sobre o período colonial sejam analisados em diálogo com uma tradição que foi construída no contexto modernista de reavistação do passado colonial. Desse modo, convidamos leitores e leitoras a nos acompanhar nas construções e desconstruções dessas histórias.

Os organizadores

PREFÁCIO

São Paulo na Transversal do Tempo

—— *Fernanda Sposito*

—— *Fernando Victor Aguiar Ribeiro*

Quais questões a respeito de São Paulo o ano de 2022 nos suscitou? Ao rememorar os duzentos anos da Independência do Brasil e os cem anos da Semana de Arte Moderna, é importante entender como essa parte do Brasil se inseriu e determinou cada um desses dois eventos. Embora este volume não trate especialmente de nenhuma das duas comemorações, não pode ser dissociado delas.

— 13

Interessante que o objeto de estudo deste livro – São Paulo colonial – cronologicamente não está inserido em 1822, muito menos em 1922. Essa óbvia constatação, no entanto, não encerra o assunto. O que os capítulos deste volume evidenciam, ao contrário, é que, para compreender os eventos que desencadearam a Independência do Brasil durante a década de 1820, há de se levar em conta uma série de aspectos e dilemas que também estavam presentes no território paulista pelo menos desde o final do século XVIII.

Assim, as dinâmicas da capitania de São Paulo (criada em 1709, por meio da fusão das antigas capitanias de São Vicente, Santo Amaro e Itanhaém, com a compra da capitania donatária pela Coroa) apresentam comerciantes, fazendeiros, trabalhadores e mercadorias em ampla circulação. Os paulistas e aquilo que produziam percorriam rotas não só na América portuguesa como também nas partes espanholas da América, além dos tratos mercantis a partir da metrópole portuguesa, desdobrando-se no universo atlântico e até mesmo além dele. Ao contrário de uma visão que imperou na historiografia de maneira hegemônica até os anos 1970, a São Paulo que adentra o século XIX não era uma capitania decadente que teria perdido sua relevância para a florescente Minas Gerais durante a primeira metade do século XVIII. Como os estudos de Ilana Blaj evidenciaram, foi justamente a infraestrutura paulista que tornou as Minas possíveis¹.

1. Ilana Blaj, *A Trama das Tensões: O Processo de Mercantilização da São Paulo Colonial (1681-1721)*, São Paulo, Humanitas/Fapesp, 2002, p. 205.

Os textos aqui apresentados seguem essa máxima, traçando diferentes caminhos, utilizando-se de fontes e instrumentos analíticos distintos. Isso pode ser conferido nos estudos que se centram no século XVIII, alguns deles avançando para o século XIX. São os textos de Carlos de Almeida Prado Bacellar, Maria Aparecida de Menezes Borrego e Anna Beatriz Corrêa Bortoletto, Denise Moura, Felipe Garcia de Oliveira e Cláudia de Andrade de Rezende.

Outro bloco de textos trabalha de maneira mais evidente as tensões colocadas ao final do período colonial, que dariam substrato para as articulações políticas e econômicas da então província de São Paulo. São os textos de Ana Paula Medici, Pablo Oller Mont Serrath, José Rogério Beier, Amália Cristovão dos Santos, seguidos dos comentários de Cecília Helena Salles de Oliveira.



— 14

Como poderíamos relacionar a vila colonial dos séculos XVI e XVII ao período da Independência do Brasil e, mais distante temporalmente, com o contexto da Semana de Arte Moderna de 1922? Embora as conexões não pareçam diretas, é justamente na criação, ou reinvenção de uma “alma paulista”, de um “espírito bandeirante”, que a década de 1920 busca apresentar São Paulo a si mesma, ao Brasil e ao mundo. Nesse sentido, é de fundamental importância situar o trabalho de Afonso d’Escagnolle Taunay (1876-1958), o segundo diretor do Museu Paulista (também chamado de Museu do Ipiranga). Foi por meio da vasta obra historiográfica de Taunay, dos milhares de documentos e mapas que compilou, de seu trabalho museográfico na decoração das salas, salões e escadarias do museu, que a construção do mito bandeirante foi forjada². Propalando um ímpeto desbravador e heroico dos antigos paulistas, supostamente atrelado à figura dos bandeirantes, revisita-se a São Paulo colonial. Para os propósitos de um museu que visava celebrar a Independência do Brasil, cria-se uma narrativa vinculando o território paulista aos destinos do Brasil independente no início do século XIX, trazendo para o terreno paulista cenas e personagens que teriam sido decisivos para que o Brasil declarasse sua independência. Isso é atestado pelo quadro *Independência ou Morte* (1888), de Pedro Américo de Figueiredo e Mello, e por toda a narrativa à qual o museu-monumento passa a ser incumbido, especialmente a partir da gestão de Taunay como diretor (1917-1945)³.

2. Karina Anhezini, “Um Metódico à Brasileira: A Escrita da História de Afonso de Taunay”, *Revista de História*, n. 160, pp. 221-260, 2009; Ana Cláudia Fonseca Brefe, *O Museu Paulista: Afonso de Taunay e a Memória Nacional*, São Paulo, Editora Unesp, 2005.

3. Cecília Helena de Salles Oliveira e Cláudia Valladão de Mattos (orgs.), *O Brado do Ipiranga*, São Paulo, Edusp, 1999.

LANÇAMENTO 2023

JÁ DISPONÍVEL

LIVRARIA VIRTUAL

www.edusp.com.br/loja

LIVRARIAS

www.edusp.com.br/livrarias

INFORMAÇÕES

Divulgação Edusp

divulga@usp.br

